

CAVALCANTE, Leandro Augusto e Silva Miranda. **"Meninos na Gangorra" em Felipe Camarão:** Sobre a influência de imagens midiáticas circulantes pelo bairro, na construção das identidades dos alunos de teatro. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Mestrado; CAPES. Robson C. Haderchpek.

RESUMO

O presente artigo discute, a partir da temática metafórica da gangorra, aspectos culturais dos alunos-diretores de teatro, vivenciados por adolescentes em uma escola de Felipe Camarão Natal RN entre os anos de 2009 e 2012, que para construírem encenações foram influenciados por suas concepções religiosas, sociais e artísticas. Assim, procura comparar analogicamente a pintura de Portinari, cujo nome é "Meninos na Gangorra", com as imagens conviventes da periferia de uma cultura tradicional, de massa, de mídia e digital, misturando heterogeneidades aparentes numa viscosidade que revela as identidades dos sujeitos pós-modernos nesta comunidade. Desta forma, a investigação do artigo se deu através da observação do pesquisador, por meio de vídeos, fotografias, bem como depoimentos. Assim, o artigo se embasa em algumas entrevistas com alunos ocupantes da função de diretores teatrais, e conseqüentemente das imagens trazidas em seus discursos; de imagens produzidas pela mídia jornalística (televisão, internet); das imagens apresentadas pela pesquisa que já estão na *WEB* e pelas imagens imbricadas na própria experiência de quatro anos do pesquisador em Felipe Camarão, como docente em artes.

Palavras chave: Sujeito pós-moderno. Imagens sócio-culturais. Identidade. Arte.

ABSTRACT

This article discusses, from the metaphorical theme of the seesaw, cultural aspects of student theater directors, experienced by adolescents in a school of Felipe Camarão, Natal RN between the years 2009 and 2012, to build scenarios that were influenced by their religious, social and artistic. Thus, looking to compare analog painting Portinari, whose name is " Boys on Seesaw " with images conviventes the outskirts of a traditional culture, mass media and digital mixing inhomogeneities in apparent viscosity which reveals the identities of post modern - this community. Thus, the research article was processed through researcher observation, through videos, photos and testimonials. Thus, the article was grounded in interviews with students occupying the function of theater directors, and consequently the images brought in his speeches, the images produced by the news media (television, internet), the images shown by research that are already on the web and by overlapping images from their own experience of four years in the researcher Felipe Camarão, as a lecturer in the arts.

Keywords: Postmodern subject. socio-cultural Images. Identity. Art.

INTRODUÇÃO – SUBINDO EM GANGORRAS

Metaforicamente começamos este artigo não para deixar perdido o leitor, mas para poder inspirá-lo a construir imagens além de seu mundo rotineiro. Um mundo cheio de horizontes dados por gangorras espalhadas que acabam por tecer nossas identidades. Neste caso a pintura de Portinari, “Meninos na Gangorra” remete a estas gangorras que fazem parte da vida do sujeito, principalmente do sujeito pós-moderno do século XXI.

Evidentemente a escolha da obra não é aleatória, mas direcionada para fazer uma analogia entre os meninos do brinquedo, e a realidade cultural vivenciada por alunos de um bairro periférico de Natal - RN. Estes meninos de quatorze anos foram “diretores” de teatro na escola durante o desenvolvimento de um projeto de arte iniciado em 2009 e finalizado no ano de 2012, e de certa maneira são os meninos desta gangorra.

Antes de subirmos e descermos é preciso situar o leitor até onde vai este entendimento. Por isso, pensemos que ao invés objetivar brincar, cada gangorra tem a função de revelar um processo cultural que pode ser enxergado a depender de quem se sente nela; uma espécie de observatório da realidade. Todos que subirem na gangorra precisarão de algo ou alguém que os eleve ao ponto mais alto. Uma das possibilidades do algo nós nomearemos de mídia, outras poderão ser a escola, a família, a igreja, dentre várias que exerçam influencia na construção da identidade do sujeito. A gangorra, portanto, simboliza a possibilidade de olhar horizontes ascendentes ou descendentes de acordo com a visão que é construída no e pelo sujeito, ou seja, ela é um instrumento dependente do meio em que o indivíduo vive e que engrena uma formação cultural, cuja identidade é consequência também desse meio.

Embora tenhamos por objetivo discutir alguns aspectos culturais neste artigo, se faz necessário antes saber que aspectos são estes, em que tempo se localiza, quem os vivencia e onde se sujeitam. Desta maneira, o artigo se embasa em algumas entrevistas com alunos ocupantes da função de diretores teatrais, e conseqüentemente das imagens trazidas em seus discursos; de imagens produzidas pela mídia jornalística (televisão, internet); das imagens apresentadas pela pesquisa dispostas na *WEB* e por imagens da minha experiência de quatro anos em Felipe Camarão.

Em termos dos critérios de seleção das imagens a serem discutidas tínhamos que, das pesquisas realizadas na web sobre o bairro de Felipe Camarão – quando buscado por notícias – poderíamos colocar que 80% dos links para páginas se referiam a tristes realidades como tragédias na favela, homicídio, estupro, dentre outras violências, e apenas 20% ligadas a eventos culturais, artísticos, ou históricos (no sentido patrimonial). Assim consideramos de um lado da gangorra as imagens “reveladoras” de uma realidade negativa e do outro lado os pontos além da tragédia. Porém, já enumeramos que no alto da gangorra estão valorizados muito mais as tragédias que as comédias. Desta forma, a investigação do artigo se deu através da observação do pesquisador, por meio de vídeos, fotografias, bem como depoimentos se utilizando da entrevista semi-estruturada individual.

Sem dúvida, muitas imagens são conviventes em Felipe Camarão e tecem **identidades** heterogêneas para o bairro, ou ainda, para as pessoas que

residem neste bairro, sendo algumas destas imagens construídas por representações de realidades particulares, resultado de notícias amplamente divulgadas pelos recursos da mídia jornalística, ou reproduções orais e/ou instrumentais (uso de recursos tecnológicos) detidos pela comunidade.

A **identidade** é um conceito discutido por Stuart Hall que a define com base em concepções a partir das características do sujeito vivente em cada época histórica sendo o *primeiro* o *sujeito do Iluminismo*, centrado de consciência e de ação, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia. O *segundo* seria o *sujeito sociológico* refletindo uma identidade de um sujeito que é formada na interação entre ele e a sociedade. Por fim, o *sujeito pós-moderno*, que nos interessa muito mais, por estar e ser ligado à pesquisa. Este sujeito não é mais unificado e estável como o sujeito iluminista, e sim “fraturado”, uma junção de variadas identidades sócio-culturais de estruturas que não mais se sustentam no tempo. (HALL, 2006).

Neste ponto, que imagens são estas que revelam uma identidade pós-moderna desses sujeitos contraditórios? Que concepções têm quanto a comunidade que vivem? Como equilibram a era analógica da modernidade tardia com a era digital da pós-modernidade?

Como em variadas gangorras, os meninos convivem com imagens aparentemente longes de terem uma unicidade e homogeneidade, mas esta identidade construída por essas imagens remete exatamente ao sujeito pós-moderno, livre de vínculos ideológicos e políticos, que pode ao mesmo tempo estar em várias gangorras culturais e ainda assim não se sentir fazendo parte de nenhuma delas. Igualmente o sujeito que toca rabeça pode jogar *Playstation* com os amigos enquanto espera para ir à missa, e logo depois sai para uma festa que toca desde forró até música eletrônica. É um indivíduo híbrido, preenchido e esvaziado a partir das gangorras vistas na televisão ou *facebook*.

2- NO SOBE E DESCE DA GANGORRA

Com este subtítulo “no sobe e desce da gangorra” queremos destacar que os temas tratados estão no alto da gangorra, e a descida se refere à lástima observável das imagens negativas exaltadas, “lupadas” pelas mídias e que são reproduzidas nos discursos da sociedade. Assim, as imagens que vocês vêem abaixo representam parte da “história” contada pelas mídias espetaculosas sobre o bairro de Felipe Camarão e de certa maneira retratam parte dessa realidade. Foram retiradas de sites de notícias¹ e mantêm a gangorra voltada apenas para a matéria impactante.



Imagens retiradas de Blogs de jornalistas, tribunadonorte.com.br e o.g1.globo.com.

As imagens são sobre a existência da favela de Felipe Camarão; o lazer voltado para o consumo de bebidas alcoólicas; o acúmulo de lixo pelas ruas; o incêndio na favela; e a existência da única praça em todo o bairro. Por isso, ao percorrer este local apresentado por jornais ou blogs, vinculadas nas páginas da internet é possível estabelecer parâmetros em várias situações: econômicas, culturais e sociais em geografias parecidas, em que define Milton Santos como “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc” (SANTOS, 1991, p. 61).

Pesquisando-se sobre o bairro descobrimos que surgiu no final da década de 1960 (IBGE, 2007) e tinha a presença de padres preocupados com a periferia. Foi planejado com vias largas, mas devido às constantes invasões não teve como ser concretizado. Essa questão reforça a ideia de uma herança sócio-cultural, onde a ocupação irregular (em alguns pontos) e a presença religiosa atrelada a ONGs contribuíram para o estado atual de continuidade dos auxílios aos moradores do bairro, e ainda para a formação de uma cultura periférica. Entendemos esta designação periférica segundo Sousa “como todo processo de produção e consumo de produtos culturais realizados por indivíduos localizados geográfica, social e economicamente à margem da sociedade” (SOUSA, 2012, p.44).

Nesse ponto, justificamos o uso do termo “cultura periférica” para caracterizar os residentes do bairro de Felipe Camarão, que têm hoje uma população (SEMURB-RN, 2010) com mais de cinquenta e três mil pessoas sofrendo com o estigma de ser um bairro violento, onde a baixa renda e a baixa escolaridade retro alimentam essa situação. Temos então uma rede de imagens que circulam na cidade de Natal e retroalimentam as mesmas imagens de Felipe Camarão. Sobre isso diz Correia Sobrinho (2001, p.47):

Os moradores do bairro de Felipe Camarão encontram-se numa luta constante contra uma rede de **imagens**, fruto de dispositivos construídos pelo discurso estigmatizador circulante na Cidade, criador-criador de uma violência **imagética** que os prendem, aviltam-nos e colaboram para o esgarçamento do seu sentimento de orgulho.

Em verdade, todos os alunos estavam sujeitos a estas imagens de um coximpim (gangorra) enferrujado e descamado, sem valor (a não ser como notícia impactante), que diz parte da realidade. As redes televisivas dão *close* aos mortos ensanguentados na hora da refeição de maneira espetacular, o que identifica o espaço-tempo da comunidade como sendo único. Não que estes crimes não ocorram, mas a ênfase é tão grande que se exclui notícias políticas, culturais e artísticas concomitantes as da criminalidade. Sobre a divulgação das identidades no contemporâneo comenta Kellner (2001, p.239):

É assim que a propaganda, a moda, o consumo, a televisão e a cultura da mídia estão constantemente desestabilizando identidades e contribuindo para produzir outras mais instáveis, fluídas, mutáveis e variáveis no cenário contemporâneo. No entanto, também vemos em funcionamento os implacáveis processos de mercadorização.

Na tentativa de mover a gangorra, temos a Fundação BRADESCO; dois conselhos comunitários; três ONG's e muitos grupos de "cultura popular". Nestes locais, a comunidade tem acesso a aulas de capoeira, karatê, artesanato, dança, artes plásticas, música, luteria, que complementam o saber cultural. Nos depoimentos abaixo temos a imagem de seus gostos de arte, lazer e cultura que fazem parte do movimento da burrica, e não são divulgados:

Fico muito na internet, no computador. [...] Eu admiro alguns comediantes brasileiros de teatro como: Eduardo Sterblitch, Adnet. (AD14)

Eu gosto de **pegar minhas fotos no computador, fazer vídeo e às vezes eu fico no teclado** tentando aprender música. [...] Eu gosto de música romântica. (AD15)

Gosto de escutar um pagodinho [...] filmes românticos, comédias. [...] Recentemente eu fiz parte de um coral, pelo NAN, se eu pudesse ainda estava lá. (AD16)

Os discursos acima, além de demonstrarem outros horizontes que poderiam circular pela mídia também revelam a utilização da tecnologia e internet pelos sujeitos, ou seja, estes que são colocados como desfavorecidos, estigmatizados pela sociedade, como violentos e sem educação escolar apontam para o sujeito tecnológico pós-moderno e para a inclusão digital.

Desta forma, estes jovens vão adentrando no universo tecnológico da mídia virtual sem ter que abdicar das heranças culturais outrora vivenciadas, porque [...] "nenhuma era cultural desapareceu com a outra. Ela sofre reajustamentos no papel social que desempenha, mas continua presente. Não se trata, portanto, da passagem de um estado das coisas a outro, mas uma complexificação, do imbricamento de uma cultura na outra." (SANTAELLA, 2003, p.78) São estas gangorras de conhecimentos tecnológicos que servirão de instrumental para seu agir no mundo, para pensar sobre si, e não apenas a subserviência de imagens congeladas sobre a comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIA SOBRINHO, José. **Imagens da violência:** mosaicos do cotidiano de uma juventude. Natal, 2001, p. 47. (Dissertação de Mestrado vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Editora DP&A. São Paulo 2006.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia:** estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001, p.329.

SANTOS, Milton Santos. Paisagem e espaço. In: **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991, p.61.

SANTAELLA, Lucia. Substratos da cibercultura. In: SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003. p. 23-82.

SOUSA, Jocimara Rodrigues de. **Margens na mídia:** a mídia entre a literatura marginal e a indústria cultural. São Paulo – SP, 2012, p.44. (Trabalho de conclusão de curso de Pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura pelo CELACC/ECA-USP).